

A Escrita-desvio em Fernand Deligny¹

Thalita Carla de Lima Melo

Esse texto, ou melhor, a atração por pensar a escrita em Deligny surge como um feitiço, tal qual o encantamento das crianças pelo som do flautista de Hamelin, no conto dos Irmãos Grimm. Sem saber para onde estão indo, as crianças simplesmente vão, seguindo fascinadas o som sedutor da melodia ecoada pela flauta mágica. Um rapto alegremente consentido, cujos obstáculos só se apresentam à medida que os passos avançam na estrada, sendo o esforço, direcionado ao ritmo da aparição das interferências. Na tentativa de esboçar um breve itinerário da escrita delignyana como um interesse de estudo, posso dizer que encontro Deligny a partir dos textos de Gilles Deleuze e Felix Guattari (o encontro na direção contrária também seria pertinente), e em seguida, através da compilação espanhola – *Fernand Deligny: Permitir, trazar, ver*². Procedendo por tentativas, empreendi a leitura da

1 Comunicação Oral elaborada para *Encontro Internacional Fernand Deligny: com, em torno e a partir das tentativas*, no período de 25 a 27 de agosto de 2016, na PUC-Rio. Como material base para comunicação foi utilizado o compêndio de textos publicados em « DELIGNY, F. *Œuvres*. Édition établie e présentée par Sandra Alvarez de Toledo. Paris: L'Arachnéen, 2007». A questão da escrita também foi tema de debate na JORNADA FERNAND DELIGNY: A ARTE DA TENTATIVA, realizado em 04 de dezembro de 2015 na Universidade Federal Fluminense, organizado pelas professoras Heliana de Barros Conde Rodrigues (UERJ) e Adriana Rosa (UFF/Nitéroi.)

2 DELIGNY, F. *Fernand Deligny: permitir, trazar, ver*. Barcelona: Museu d'Art Contemporani, 2009.

coletânea em espanhol, que me levou a traduzir o lindo texto ‘*Diário de um educador*’, publicado ano passado pela revista *Mnemosine*³. A tarefa de tradução é penosa, não apenas pelo enfrentamento da língua francesa, mas, principalmente por me ver diante de uma língua estrangeira dentro do francês, pois tais escritos aprontam travessuras com a língua formal. Nos primeiros passos nessa corda bamba (é assim que me sinto ao entrar em contato com os textos de Deligny) foi possível perceber que sua escritura era um modo de vida, que sua existência era sustentada pelo escrever incessante, ininterrupto, obcecado. Um fato intrigante que me provocou o interesse, especificamente, na questão da escrita.

O problema da escrita em Deligny, nesse estudo, surge inicialmente a partir de cinco constatações: em primeiro lugar, está a questão da escrita contínua, todas as tentativas são atravessadas pelo escrever constante; em segundo, há uma dimensão experimental nos textos, que percorrem desde os mais diversos estilos literários até a fotografia, o audiovisual e a confecção de mapas; em terceiro, como estratégia discursiva, há uma tentativa de anular o sujeito da fala, ao mesmo tempo, em que desmonta o lugar do leitor, desvinculando seus textos de qualquer intenção teórica ou doutrinária; em quarto lugar, surge um aparente paradoxo em relação à terceira constatação, a presença de elementos autobiográficos em grande parte dos textos; e por fim, – não por acaso –, grande parte dos textos sobre Deligny passam pelo tema da escritura. Tais constatações permitem uma reflexão inicial: a escritura incessante e o processo de escrever em Deligny constitui um corpo, um modo de existir, ou melhor, fazem da escrita uma questão de vida. Sendo assim, ao que parece, a travessia dos textos demanda a compreensão da escrita como elemento fisiológico, no sentido de que é uma condição para a vida.

Para assentar as impressões iniciais dessa leitora deambulante da escrita-território de Deligny, impõe-se a apresentação de algumas características do universo textual encontrado nos principais livros, ressaltando a pluralidade dessa obra, composta também por

3 DELIGNY, F. *Diário de um educador*. *Mnemosine* Vol.11, nº1, p. 309-319 Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 2015.

correspondências, mapas, audiovisuais, artigos e entrevistas.

A alcunha de poeta e etólogo agradava Deligny, se escrevia constantemente – e ao que parece, com a preocupação de ser publicado – era para se desviar das capturas e escapar à instrumentalização. Escolheu se mover sobre o terreno frágil da experimentação (talvez, tenha sido uma tática de guerrilha). Esse terreno experimental pode ser apreendido em dois períodos que, além de marcar uma mudança significativa nas tentativas, também sinaliza uma variação no tipo de escritura. O primeiro momento é mais urbano, aquele das experiências institucionais junto às crianças e jovens – delinquentes, em perigo moral, retardados e psicóticos –, num período atravessado pela 2ª Guerra Mundial. O estilo de escritura é predominantemente narrativo, com a presença de aforismos e elementos autobiográficos. O segundo momento, a partir de 1967, é aquele da tentativa em Cevenas: campestre; radicalmente anti-institucional e marginal; e que toma o autismo como modelo e forma de existência anônima, à margem, e por isso, não assujeitados, refratário à ‘domesticação simbólica’. É uma fase marcada por um estilo de escritura ‘autístico’, que mobiliza traçados, legendas, fotografias e audiovisual. Ao se aproximar dos livros mais conhecidos, desse período, percebe-se mais ousadia na experimentação e variação no estilo dos textos.

A década de 1940 foi muito produtiva, quatro livros foram publicados, dentre estes, os livros que lhe imprimiram a fama de educador libertário. O primeiro livro – *Pavillon 3* –, escrito durante a guerra e publicado em 1944, conta histórias sobre o processo de internamento de adolescentes, quando da estadia de Deligny no asilo de Armentières. O narrador adota o ponto de vista dos personagens, a maioria de origem proletária e encaminhados pela Assistência Pública. Filhos de pais alcoolistas ou desconhecidos, jovens abandonados, epiléticos, delinquentes, incendiários, etc. Enfim, adolescentes sem projetos num mundo que os excluí. A narrativa é marcada por metáforas e pela expressividade dos personagens, que falam na linguagem popular, inclusive utilizando gírias, assinalando, desse modo, um traço de identificação com a classe popular. Essa ficção não evidencia elementos de diagnóstico ou enunciação de casos, nem mesmo a

lógica carcerária é a protagonista. No entanto, se destacam os gestos cotidianos dos adolescentes e a descrição dos seus estados físicos e psíquicos sob o fundo da miséria social.

Em 1945 e 1947 são publicados *Graine de crapule. Conseils aux éducateurs qui voudraient la cultiver* e *Les Vagabonds efficaces*, respectivamente. Livros de maior notoriedade e que levaram Deligny, à contragosto, ao posto de uma autoridade em reeducação e ressocialização de crianças e jovens. Tais livros não devem ser desvinculados de suas tentativas como professor suplente em Paris, professor e educador no Instituto Médico-Pedagógico de Armentières, conselheiro técnico de um plano de prevenção à delinquência juvenil e dirigente do Centro de Observação e Triagem (COT) de Lille. O tom libertário dos textos associado ao endereçamento (para os ‘educadores’), mais a ousadia do conteúdo e da escrita produziram certo burburinho no meio educacional. Em *Graine de crapule*, o endereçamento, a injunção, a charada ou fábula curta transformaram os aforismos em fórmulas e slogans libertários. Já em *Vagabonds efficaces* ele traça sua experiência e os conflitos com a Administração do COT. Com certo tom panfletário e, por vezes, metáforas virulentas, faz denúncias, fala de seu corpo e de suas angústias. A narrativa é fragmentada, lembrando as fraturas da relação pedagógica. A fragmentação é um princípio que permite juntar, sem preocupação de articulação, as formas curtas de diferentes naturezas (narrativas breves, reflexões, pedaços de autobiografias, citações, etc.).

Outros dois livros da mesma década, que mantêm os traços autobiográficos e derivados das estadias no COT e das classes de aperfeiçoamento em Paris, são, na devida ordem, *Puissants personnages* (1946) e *Les Enfants ont des oreilles* (1949). Diferente dos precedentes, a escritura aqui ganha a característica predominante de contos, apresentados na forma de narrativa fantástica e poesia popular. Em *Puissants personnages* aparecem homens-crianças, homens-árvores, que caminham ao longo das praias do Norte, dos rios, pelos bosques, de cidade em cidade, vivem de nada, no máximo de algum dinheiro de trovadores e artistas. Já em *Les Enfants ont des oreilles* Deligny conta o que acontecia em sua classe de aperfeiçoamento: fazia traços

com giz no quadro negro e deles improvisava histórias simples para as crianças. Esses traços eram feitos a partir de objetos usuais, de objetos inertes escolhidos entre os mais pesados, os mais imóveis, os mais negligenciados. Nas histórias, Deligny entra no mundo das coisas descartadas, frágeis, quebradas, abandonadas, solitárias, triviais, tais como: bancos de madeira, botas, blocos, galos de igreja, lanterna, mochilas. O enredamento das ações é cômico, aventureiro, exposto aos imprevistos do tempo (o clima, o dia, a noite), a fadiga, a topografia e com lugares e personagens sem nome – são o que são, sem histórias, nem genealogia. A partir das ilustrações do livro já é possível antever as problematizações, que ficarão mais complexas na segunda fase de Deligny, sobre o *traçar*, entendido como aquilo que não representa nada, quaisquer que sejam as intenções do seu autor (talvez, um prelúdio da prática dos mapas).

E o último livro desse primeiro período de tentativas é o romance *Adrien Lomme* publicado pela Gallimard em 1958. É um livro de transição, produzido no meio da tentativa da *Grande Cordée*, que foi uma experiência de passagem, atravessada por dois momentos – um institucional e outro em meio aberto –, o que acabou disparando o rompimento com as instituições. Tem como herói uma criança epilética, sem pai e fugitiva. Há uma dedicatória, na epígrafe, às crianças psicóticas, deficientes, retardadas, delinquentes, em perigo moral, etc. Numa carta à Émile Copfermann, Deligny resume o livro dizendo que narra a vida de uma criança ‘anormal’, que luta, como a maior parte dos seus semelhantes, contra os efeitos da caridade, da pedagogia e da psiquiatria.

O segundo momento das tentativas de Deligny tem início em 1967, ganha a paisagem campestre de Cevenas, centra-se no autismo e caracteriza-se por um pensamento e uma posição marcadamente anti-institucional, constituindo, assim, um modo de vida inspirado no comunismo primitivo. A escrita, igualmente, se torna o foco de uma experimentação mais ousada, a partir da recusa do poder da linguagem e da adoção de uma estratégia discursiva e estilo pautados na lógica autística.

Os escritos desse período confirmam sua desconfiança em relação

aos discursos, como observa-se nos seguintes traços: a) investe numa linguagem sem sujeito, que se manifesta a partir do corpo, do agir autista e da produção coletiva da Rede; b) inventa uma língua no infinitivo, livre dos pronomes pessoais e, ao mesmo tempo concreta, contornada, repetitiva, constantemente retomada, que fala de desvio, de referências, produzindo um vocabulário (a exemplos dos termos *chevêtres* ou *orné*) que surge da experiência do território psicótico dos autistas; c) lança mão, frequentemente, de figuras de estilo, tendo na metáfora, perífrase e eufemismo suas favoritas; privilegia as formas breves, como os aforismos e os parágrafos curtos, separados por brancos e repletos de acentuações, retornos, elipses e repetições; d) faz constantes referências ao dicionário e a etimologia, com o intuito de desviar o curso do texto, e não para retomar o ‘verdadeiro’ sentido ou significado de alguma palavra; e) verifica-se a presença recorrente de fragmentos de autobiografia, que surgem como associações; f) o traço aparece como elemento que circula nos textos sob a forma de linha, escritura ou imagem, e deriva do traçar infinito como uma performance que não visa fim, nem destinatário, mas que se apresenta como um elemento do agir inato; g) insiste na opacidade por receio de ser compreendido, mal compreendido ou capturado, já que, não visa fazer escola ou constituir doutrina. Diante dessas características, percebe-se que Deligny persiste numa língua que desafia a comunicação e os imperativos discursivos, administrativos e tecnocráticos do trabalho social e dos saberes psi.

Os livros publicados nessa fase são aqueles menos conhecidos do público. A crítica, os intelectuais e a grande imprensa não lhes deram muita visibilidade. Talvez porque, dado o estranhamento da sua natureza, esses textos não possam ser enquadrados nem na grande literatura, nem nos estudos acadêmicos, resistindo, desse modo, à análise científica, à interpretação psicológica, aos sistemas de códigos e às formas de integração normativa.

Uma maior ousadia da experimentação com a escrita aparece já no primeiro livro desse período, que será publicado junto dos 3 números de *Cahiers de l’Immuables*, publicados na Revista *Recherches*. *Nous et l’Innocent*, é um ensaio de 1975, organizado por Isaac Joseph, a partir de

fragmentos, como textos curtos, artigos, correspondências, fotografias e manuscritos. Percebe-se os aforismos dispostos no texto como poemas, as rupturas entre frases longas e curtas, o uso do infinitivo, as metáforas, a eliminação das formas conjugadas e reflexivas, a ênfase nas palavras concretas e no agir advindos do ‘costumeirar’, e o trabalho com o material sonoro da língua, em suas correspondências e homofonias (como *l’erre/l’aire*, *la main/l’humain*, *sorcier/soucier*). Constituindo-se em um estilo que registra os ritmos, os estereótipos e os giros do autista Janmari. O segundo livro é *Le Croire et le Craindre* (1978), também organizado por Isaac Joseph, a partir de entrevistas e de uma correspondência frequente entre eles. É considerado uma autobiografia, em que temas de vários momentos da vida de Deligny aparecem.

Inspirados pela etologia, os textos mais densos em termos de reflexão sobre o inato, o humano, as sociedades primitivas, a rede, o traçar, o agir e poder da linguagem aparecem na coleção *L’échappée belle*, no final da década de 70 e início da década de 80, editados por Émile Copfermann na Hachette. São os ensaios: *Les détours de l’agir ou le Moindre geste*, *Singulière Ethnie* e *Traces d’être et Bâtisse d’ombre*. A mesma editora também publica o romance *La Septième face du dé*, que retoma o cenário do asilo. Mesmo sem grande recepção do público Deligny não para de escrever. Ainda foram publicados: *Balivernes pour une pote*, um livro, ao que parece, dedicado à Guattari; *Traces d’I*, numa reflexão em que o I é tomado por ‘infinitivo’ – o ser infinitivo oposto ao ser subjetivo –, mas também por Imutável, ou Indiferente; e *Les Enfants et le Silence*. Paralelamente, redige vários ensaios longos (alguns permanecem inéditos): *L’Arachnéen* (recentemente publicado); uma trilogia intitulada *Lontain-prochain* composta de *Lettres à un travailleur social*, *Les Deux mémoires* e *Acheminement vers l’image*; e também, os *Contes du vieux soldat et de belle lurette*. Esses dois últimos foram reunidos nas edições das *Oeuvres*⁴, pela editora L’Arachnéen. Deixou inéditos roteiros, artigos, centenas de páginas de correspondência e vários romances inacabados, a exemplo das vinte e seis versões e as mais de duas mil páginas manuscritas de *L’Enfant de citadelle*, uma autoficção em que evidencia o agir, como um traço sem fim nem

4 DELIGNY, F. *Oeuvres*. Édition établie e présentée par Sandra Alvarez de Toledo. Paris: L’Arachnéen, 2007.

destinatário. Escrito pouco antes de sua morte.

A etnologia se torna um interesse privilegiado nas obras mais densas dessa última fase. É interessante, em *Singulière ethnologie*, a análise do Poder a partir do estudo do livro *A sociedade contra o Estado*, de Pierre Clastres⁵. Deligny compara a rede a uma etnia arcaica, tal como Clastres apresentou-as, como sociedades que evacuavam o poder, pela intuição de que aí residia o pior. Essa evacuação se dava através da drenagem da linguagem e dos seus efeitos de poder, utilizando a figura do chefe, ao qual eram atribuídos o papel do falar por falar e certos privilégios que a tribo não se interessava. Ele não pede nada e não comanda ninguém, ele fala, isso é tudo. Deligny escreve e gosta de imaginar-se na função daquele que fala apenas com palavras que não dizem nada, muito menos dizem nada para sua tribo. Falar constantemente é um risco. Ao comparar os traços reiterados de Janmari àqueles de certas tribos arcaicas, percebe um agir comum, um agir da espécie, desprovido de qualquer representação ou de algum querer saber fazer como. Seria um agir fora do 'eu', do sujeito, da subjetividade e do homem.

Já no livro *O aracniano*⁶ observa-se a influência dos estudos etnológicos a partir da comparação da Rede a um período, a uma idade, ou uma era, onde o humano e seus agires inatos prevaleceriam, como podemos ver na seguinte fala:

Uma palavra como aracniano soa um pouco como magdaleniano, O que evoca o último período do paleolítico superior (civilização da rena). Da rena à aranha, não há praticamente nenhum passo de distância [...]. Assim, e quando o espaço se torna concentracionário, a formação de uma rede cria uma espécie de fora que permite ao humano sobreviver (p. 17)

Inclusive, Deligny fala que o escrever também se remete ao período aracniano, quando diferencia o ato de escrever daquilo que se escreve. Enfatiza seu escrever como um agir reiterado e como um traçar inato, que toma distância do objeto/conteúdo da escrita, ou como ele chama, do projeto pensado. Em outro ensaio do mesmo livro, refletindo sobre

5 CLASTRES, P. *A sociedade contra o Estado – pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

6 DELIGNY, F. *O aracniano e outros textos*. São Paulo: n-1 edições, 2015.

o modo experimental de seus escritos, ele diz, que seus vocábulos constituem palavras desenraizadas, arrumadas para escorar, postas na fola como seixos, num dia de vento, o seriam. Sendo o vento, a linguagem que advém catastrófica, que onde quer que sopra ou diga o que disser, é cegante. Num trecho a frente, ele diz que existem as palavras-discos (como desvio, deriva, ornado) que se modificam. E que, se num momento elas funcionavam como mapas, como palavras fora da lei, na medida em que comecem a querer dizer e a saber o que querem dizer é preciso colocá-las para escorrer. Esse movimento é comum também nas tentativas, sempre que começavam a ficar enrijecidas, eram lançadas ao vento, postas para escorrer. Essa recusa do poder e da instituição é o traço que une os diferentes momentos.

O texto, até aqui, buscou traçar, sem muito aprofundamento, algumas características da relação de Deligny com a escrita. Nesse estudo chamo, tal relação, de o 'procedimento da escrita-desvio' em Deligny, tomando de empréstimo o termo 'procedimento' usado por Deleuze no texto 'Louis Wolfson, ou o procedimento'⁷. Todos os artifícios discursivos usados por Deligny nos dois momentos do seu trabalho, apontam numa análise inicial dos escritos, três efeitos: quando busca uma linguagem sem sujeito, faz dos seus escritos a enunciação coletiva de um 'povo menor', nesse caso o 'povo' das crianças delinquentes, retardadas e psicóticas que aí encontram expressão; quando inventa uma língua autística, com seus aforismos, rodeios, escansões, repetições, homofonias, metáforas, infinitivos, vocabulário, produz uma língua estrangeira na própria língua; e quando escreve compulsivamente, para nada, 'sem nada a dizer', coloca a palavra contra a palavra, para evacuar os efeitos de poder, bem como faziam os ameríndios de Clastres. À guisa de conclusão, seguem algumas considerações sobre esses efeitos.

Os três efeitos citados estão separados apenas didaticamente, mas, na escritura eles são coextensivos, fazem parte do procedimento da escrita-desvio, que impele a linguagem a um limite. Então, esses efeitos permitem apreender algumas tensões provocadas na língua. Deligny, ao enaltecer o uso do pronome impessoal e do indefinido ou

7 DELEUZE, G. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2011.

ao produzir autoficção, retira do escritor o poder de dizer eu. Neste caso, está colocando em xeque a soberania do sujeito, destituindo-o em prol de um agenciamento coletivo de enunciação, que se expressa através do caso de um ‘povo’, povo esse que surge da escritura gerada numa ‘zona de vizinhança’ com as crianças. Também, ao produzir sua escritura autística está operando uma decomposição da língua, inventando uma língua estrangeira no interior da sua própria língua, mediante a criação de uma sintaxe. E, principalmente, quando ele toma o lugar de fala, desprovido de outra coisa senão do falar, de uma fala que não diz e que não faz, tal como o chefe indígena do livro de Clastres, ocupa um papel performático cuja função principal é esquivar sua etnia singular do poder da linguagem.

E para finalizar, na apresentação do mais recente livro de M. Foucault, publicado aqui no Brasil - *A grande estrangeira: sobre literatura*⁸ -, os editores comentam que o gesto de escrever, ao se apoderar da literatura como estratégia, coloca em xeque a ordem do discurso. Assim, é “*a literatura como estratégia, ou seja, certo uso do literário, a utilização de procedimentos e todo um trabalho de dinamitação interno à economia da narrativa que passa pela construção de um campo de batalha contra a hegemonia do sentido.*”⁹. Deligny usava o termo guerrilha, mas entendia ser uma posição política ‘fazer causa comum com as palavras descreditadas’. Desse modo, o procedimento da escrita-desvio em Deligny, tal qual, os corriqueiros desvios a cada vez que uma tentativa estava sob risco de ser capturada, mostram a força da esQUIVA como condição indispensável, como uma tomada de posição, como um trabalho de dinamitação da linguagem e do poder.

8 FOUCAULT, M. *A grande estrangeira: sobre literatura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

9 Ibid., p. 17.